

MARC FISCHER

Ho-ba-la-lá

À procura de João Gilberto

Tradução

Sergio Tellaroli



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Rogner & Bernhard GmbH & Co. Verlags KG, Berlin

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Hobalala: Auf der Suche nach João Gilberto

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

Glide, 1968 (impressão com recorte de filme de poliéster), por Gerald Lang (1936-).
Private Collection/ The Bridgeman Art Library

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Luciane Helena Gomide
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Fischer, Marc

Ho-ba-la-lá : à procura de João Gilberto / Marc Fischer ; tradução Sergio Tellaroli. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Hobalala : Auf der Suche nach João Gilberto.
ISBN 978-85-359-2011-6

1. Bossa Nova (Música) – Brasil 2. Gilberto, João, 1931- 3. Música popular – Brasil 1. Título.

11-12688

CDD-781.630981

Índice para catálogo sistemático:

1. Música popular brasileira : Músicos brasileiros :

 Apreciação crítica

781.630981

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

A torre

É aqui. Não é aqui?

Uma torre no Rio de Janeiro, grande, cinza, brutal, trinta andares de altura: o Rio Flat Apart Hotel.

— Ele mora aqui — Watson diz. — Agora, vai lá buscar ele, Sherlock!

O edifício é um complexo hoteleiro octogonal da década de 70, fincado qual uma estaca no meio de uma área comercial do Leblon, bairro rico do Rio. São 256 apartamentos com, em média, sessenta metros quadrados cada um e vista para as praias do Leblon e de Ipanema, até o Pão de Açúcar ou mesmo além, para a figura do Cristo no Corcovado.

Ele pode ver Jesus, penso comigo.

Em um daqueles apartamentos mora um senhor estranho, de óculos bem grandes. Ele é famoso no mundo inteiro, todos conhecem suas canções, qualquer um poderia assoviá-las de improviso, mas muito poucos o reconheceriam na rua. Isso se deve ao fato de ele nunca sair para a rua. Há trinta anos vive escondido em seu apartamento, levando uma vida oposta à das pessoas:

levanta-se quando os outros vão dormir e vai se deitar quando os outros estão acordando, como um fantasma. Quase ninguém chega a vê-lo de fato.

Em algum lugar, lá no alto, mora João Gilberto — o cantor e violonista que, há mais de cinquenta anos, presenteou o mundo com a Bossa Nova. “Garota de Ipanema”, por exemplo. E, desde então, permanece calado.

É a ele que queremos encontrar, Watson e eu.

— Bom trabalho, Watson!

Sorridente Watson, que na verdade não se chama Watson coisa nenhuma, e aliás não é homem. Trata-se da minha fiel companheira Rachel, o cão rastreador mais rápido do mundo e a intérprete mais habilitada do Rio de Janeiro, porque, claro, não falo uma palavra de português. É uma judia líbano-brasileira com um diabo tatuado na panturrilha; pesa duas vezes mais que eu, prefere mulheres a homens e desde o primeiro instante eu soube: aí está meu Watson. E como teria ela podido demonstrar melhor suas habilidades do que me apresentando, apenas quatro dias após minha chegada, o hotel do supostamente inalcançável João Gilberto?

Hotel adentro. Watson de vestido ondeante e com uma orquídea nos cabelos cacheados; eu, vestido como um perfeito detetive: calça curta, poncho de tricô de surfista mexicano (o chamado “surfista da Baixa Califórnia”) e guarda-chuva em punho (porque guarda-chuvas inspiram respeito e, além disso, a previsão do tempo anunciara pancadas de chuva, embora estejamos no Brasil, no começo de verão).

O saguão é o típico inferno de latão de um apart-hotel; os apartamentos com *room-service* custam 2 mil euros por mês. Hospedam-se ali sobretudo pessoas endinheiradas, solteiras ou de mais idade: atores, modelos, apresentadores de programa de tv, estrelas e executivos. João paga 2 mil euros pela caixa de sapatos que parece ser sua vida.

De pronto, Watson e eu aparecemos nos dezesseis monitores do equipamento de vigilância do hotel. O recepcionista é um jovem esperto de terno chamado Amarildo.

— Bom dia, nós queremos ir ao apartamento de João Gilberto, o músico de fama internacional — eu digo.

— Ele se mudou faz mais de dez anos para um prédio de apartamentos — responde Amarildo.

Desanimado, olho para Watson.

— E onde fica esse prédio?

— Não faço a menor ideia — diz Amarildo.

Meu olhar para Watson agora é de raiva. Ela dá de ombros e faz cara de “e eu lá tenho culpa?”

— Mas a ex-mulher dele, Miúcha, ainda mora aqui — Amarildo acrescenta.

De todo modo, não deixa de ser uma pista. João viveu com Miúcha de 1964 a 1969, em Nova York. É sua segunda ex-mulher. Os dois têm uma filha, Bebel Gilberto, que é cantora e mora em Manhattan. A primeira ex-mulher é Astrud Gilberto, também cantora, que, para todos os efeitos, desapareceu nos Estados Unidos. Com Astrud, ele teve João Marcelo, um músico que mora em alguma parte de Nova Jersey. Nem Astrud nem João Marcelo responderam a minha sondagem; Bebel também não. Quem sabe Miúcha?

De imediato, escrevo-lhe um bilhete:

Cara Miúcha,

Meu nome é Marc Fischer, sou de Berlim e estou à procura de João Gilberto e do coração da Bossa Nova, que é o coração da beleza.

Será que poderíamos nos encontrar?

Cordialmente,

M. F.

A queda

Para que encontrar um homem que, evidentemente, não deseja ser encontrado? Para que fazer contato com quem não quer contato nenhum?

Razão nº 1: Porque João Gilberto é um enigma. Porque não está claro o que o instiga, ou se alguma coisa ainda o instiga em seu quarto de hotel — ou onde quer que ele more no momento. Porque circulam histórias estranhas a seu respeito, e não se sabe quais são verdadeiras e quais são estapafúrdias, fantasiosas, inventadas:

Dizem que toca violão o tempo todo, sempre as mesmas canções.

Dizem que conversa com gatos.

Dizem que fala com os mortos.

Dizem que uiva para a lua.

Dizem que, mesmo com os parentes, ele só se comunica por intermédio de bilhetes que lhe são passados por debaixo da porta.

Dizem que, em resumo, ele não se comunica.

Dizem que pratica uma religião estranha.

Dizem que odeia tanto as pessoas que não consegue suportá-las.

Dizem que ama tanto as pessoas que não consegue suportá-las.

Entrevistas, ele não dá mais, e isso há décadas. Tampouco lança discos. Seu último álbum, *João, voz e violão*, saiu em 1999, cheio de canções antigas, quase como uma despedida. Para o livro do jornalista Ruy Castro, *Chega de saudade*, contou algumas histórias ao telefone, faz mais de vinte anos, mas se arrependeu tão logo a obra foi publicada, porque ali se fala também de maconha e de uma rápida passagem por uma clínica psiquiátrica. Certa feita, um repórter do *New York Times* conseguiu, de alguma forma, marcar um encontro com ele e, depois de voar para o Rio, esperou uma semana, até que, por um intermediário, João mandou lhe dizer que gostaria muito de comprar uma casa para ele no Brasil, a fim de que aprendesse a compreender melhor o país, mas que no momento não tinha dinheiro para tanto, razão pela qual o repórter podia viajar de volta para os Estados Unidos. Vinte anos faz também que João permitiu a uma jornalista francesa que o visitasse. Era meia-noite e, na companhia de dois ou três amigos do músico, a jornalista pôde ouvir o CD intitulado *João*. João bebeu champanhe e começou a falar coisas esquisitas, maravilhosas, coisas de João. Falou das estrelas “que giram, giram como luzes, luzes como as estrelas”. Falou das bolhinhas do champanhe, “que se dissolvem no espaço, veja, estão por toda parte, já saíram da taça, desta sala, faz muito tempo, são como as notas musicais, ah!”.

Esse caráter enigmático de João e seu afastamento do mundo perturba muitos brasileiros. Alguns chegam a se enervar, embora ele lhes tenha dado tanta beleza como só Pelé, em seus melhores momentos, o fez. Se você vai a uma loja de discos, como, por exemplo, a Modern Sound,* em Copacabana, e começa a perguntar um pouco, ouve comentários como estes:

* A Modern Sound encerrou suas atividades no final de 2010. (N. E.)

— Doido. Doido, doido, doido!

— Ah, não me venha com essa história de João, ele é maluco, cara! Que fique lá fazendo música.

— Um velhinho engraçado, que tem, de fato, um problema muito sério. Se você quer saber, para mim é caso de Pinel.

— Não bate bem. Não consegue superar o fato de que seu tempo já passou.

— Telefona um bocado. Ouvi dizer que tem mais de cem celulares. Não admira que fique doido.

A todo momento, cabeças balançam negativamente, e nisso há muita decepção também. Por que o maior intérprete do país não lhes dá mais nada? Não gosta de seu povo? Sente-se incompreendido? É um artista inflexível, tudo precisa estar perfeito quando, em datas comemorativas especiais, ele faz um show: o dinheiro (mais de 1 milhão de dólares, dizem, por três ou quatro concertos), a acústica, o lugar, a temperatura, seu humor, o público. E se, na sua opinião, o público não está a contento, se alguma coisa o incomoda — um ruído, um detalhe, a luz, uma frase —, ele se levanta depois de duas canções e vai-se embora para nunca mais voltar.

— Eles não gostaram — diz então.

Recentemente, andou causando sensação porque, assim disseram, tinha entrado no Facebook e já contabilizava 5 mil amigos. João Gilberto, às vésperas de completar oitenta anos, o tipo do artista romântico em pessoa, sentado diante de um teclado de computador e decidindo quem é ou não seu amigo e postando notinhas e vídeos do YouTube? “Impossível!”, opinou metade do Rio de Janeiro. Em seguida, porém, alguns conhecidos seus vieram a público para dizer que só podia ser ele mesmo, porque dos escritos do Facebook constavam fatos que só João sabia: casos, histórias familiares, experiências pessoais. Toda uma horda de repórteres se pôs a investigar o mistério, mas sem resultado. Ainda de

Berlim, candidatei-me a amigo e escrevi-lhe uma nota dizendo que gostaria de me encontrar com ele. Tentei por outros meios também, todos os canais possíveis, ex-gravadoras, empresários, produtores de shows etc. Nunca obtive resposta.

Quero, portanto, encontrá-lo, porque não está claro se se trata de um louco, de um excêntrico, de um fantasma, de um homem invisível, de um monge ou de alguém alérgico ao sol.

Ou seja, porque nada está claro. O que ele faz o tempo todo? Nega-se a sua arte? Ele, que a formulou para si com tanta exatidão? E, se absolutamente nada está claro, se as perguntas acordam a gente durante a noite, porque não se consegue respondê-las, então é hora de partir. Então, é hora de empacotar o violão antigo, de pegar um avião para o Rio, de arrumar uma vaga em algum apartamento em Ipanema e de sair em busca de respostas.

Agora faz dois dias que estou morando no Ipanema Penthouse, num apartamento que encontrei na internet e que divido com:

— Sasha, um corretor de imóveis francês de cabelos encaracolados, igualzinho ao Vinnie Chase, personagem principal do seriado americano *Entourage*;

— Hannah, a namorada dele, uma modelo norueguesa de um loiro esbranquiçado natural, que veio para cá porque Sasha não embarcou no voo 447 da Air France, aquele que caiu no Atlântico em 1º de junho de 2009, e graças unicamente a um cartão de crédito bloqueado, e agora nem Sasha nem Hannah querem fazer o voo de volta pela mesma rota, nunca mais;

— Tim, jovem funcionário de um banco americano;

— Lloyd, um surfista australiano com músculos do peito esculpido de um modo que só se vê nos livros de Bret Easton Ellis e que, segundo ele próprio diz, trabalha com alguma coisa entre “ser modelo e tramar na internet”;

— E Laura, uma jovem alemã à procura de um emprego, porque quer ficar aqui com o namorado, Cristian, o qual, embora

seja na verdade morador de Copacabana, passa o tempo todo sentado no terraço da cobertura do nosso apartamento.

Essa é minha turma aqui no Rio. Eles e Watson. Todos querem alguma coisa: pegar uma cor, ficar rico, ir à praia. Eu não quero ir à praia. Só quero João.

A razão nº 2 para minha busca diz assim:

*É amor o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá uma canção
Quem ouvir o ho-ba-la-lá
Terá feliz o coração*

*O amor encontrará
Ouvindo esta canção
Alguém compreenderá
Seu coração*

*Vem ouvir o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá
Essa canção*

Exatamente, é isso aí.